

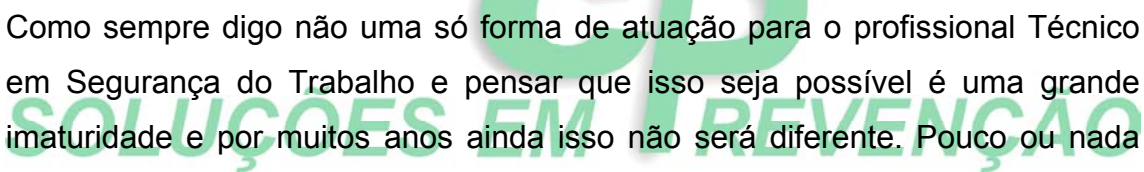
INSPETOR, SUPERVISOR OU TECNICO ?

De todos e muitos problemas que a área de Segurança no Trabalho tem um que sempre me chama a atenção e de fato me preocupa muito e a dificuldade que o Técnico em Segurança do Trabalho tem para encontrar a sua forma de atuação dentro das organizações. Para complicar ainda mais a situação a grande maioria das organizações também não sabem ao certo o que deve fazer este profissional e aí começa um grande problema que boa parte das vezes acaba em conflitos, desmotivação, desvalorização profissional e outras tantas coisas – todas elas muito ruins para ambas as partes.

Boa parte deste problema tem haver com o início das coisas: o que conhecemos hoje como Técnico foi um dia Inspetor e por muito tempo supervisor. E isso tudo ocorreu em um espaço de tempo onde as atuações profissionais eram mais voltadas para fazer acontecer – mesmo que apenas em um dado momento – do que na verdade planejar para a busca de resultados mais consistentes e duradouros. A figura inicial do Inspetor de Segurança chegou no momento de corrigir grandes desvios, evitar mesmo no campo que as coisas acontecessem. O Supervisor com certeza adquiriu muito desta cultura e isso chega aos dias de hoje com a idéia de que o profissional Técnico em Segurança do Trabalho segue sendo o milagroso, o policial da prevenção.

Pior que isso tudo deixou uma herança de costumes que ainda é muito forte nas organizações – a idéia de que segurança é um resultado a ser alcançado no corpo a corpo e no dia a dia e não o resultado de um trabalho de médio e longo prazo. Assim, na atualidade mesmo que o Técnico tenha o desejo de atuar como Técnico se o fizer coloca em risco a saúde e vida das pessoas – ao mesmo tempo se insiste em atuar como Inspetor e Supervisor acaba assumindo a continuidade de um processo totalmente incorreto em termos de gestão.

Na minha modesta forma de ver há necessidade de uma boa análise sobre o assunto – e esta análise não tem uma fórmula única que aplique a todo tipo de organização e menos ainda a todos os tipos de atividades. Seja lá como for o grande objetivo não deve ser perdido de vista – que é manter as pessoas vivas e saudáveis. Como isso será feito na grande maioria das vezes passa pela composição de uma atuação que contemple tanto a atuação como supervisor e ao mesmo tempo também a de Técnico – sempre com a tendência para que a segunda forma ao longo do tempo ganhe mais espaço. Alias, vejo com grande preocupação as organizações onde o SESMT foi afastado rapidamente do chão de fábrica – na maioria destes casos a teoria pode ser muito bonita mas a realidade de nossas organizações, cultura e trabalhadores – além do crescimento do número de acidentes – inclusive fatais – mostra que se trata de um preço muito alto por uma experiência mal planejada.



Como sempre digo não uma só forma de atuação para o profissional Técnico em Segurança do Trabalho e pensar que isso seja possível é uma grande imaturidade e por muitos anos ainda isso não será diferente. Pouco ou nada adianta por exemplo para uma obra de uma organização pouco estruturada para SST ter profissionais que entendam que cuidando apenas dos papéis obterão algum resultado em termos de prevenção. É preciso entender que a prevenção é uma dança entre a organização e os especialistas e que o compasso certo fará disso algo bom ou ruim.

O posicionamento e a forma de ação do SESMT – especialmente daqueles compostos por um só profissional deve ser objeto de acordo e entendimento entre os profissionais e as organizações – definindo com clareza a atuação do momento – aquela que fará diferença entre a vida e a morte, a saúde e a doença – e atuação de médio e longo prazo – que fará ao longo do tempo com a organização amadureça na direção da prevenção consistente e com critérios mais definidos. Isso acima de tudo passa pelo bom senso de ambas as partes. É importante que o profissional entenda que muito mais do que apenas ter conhecimentos técnicos – cabe também a ele ter a visão da questão

estratégica da aplicação dos mesmos – ou seja saber como aplicá-los, onde, como, quando....Isso com certeza valoriza a atuação profissional especialmente porque segue na direção de resultados – algo cada vez menos observado por profissionais não só de nossa área.

Enfim, como no bom futebol, se o jogo amistoso – bola no chão, se o jogo é de campeonato, bola no mato. Resumindo: existem mil formas de fazer a mesma coisa, o que interesse sempre que seja feito de forma que funcione.

Cosmo Palasio de Moraes Jr.

Consultor em SST

www.cpsol.com.br

www.conscienciaprevencionista.com.br

cpsol@uol.com.br